

ESPAÇOS PÚBLICOS NA ZONA DE INTERVENÇÃO DA LISBOA EXPO98:

Apreciação acerca de aspectos físicos e conceituais de seus projetos

Public environment in the Lisbon Expo98 intervention area: Appreciation of the physical and conceptual aspects of its design

A. Oreste Bertolli Junior & B. Gerson Fernandes Brancalião

Universidade de São Paulo, Brasil

oreste@usp.br

gerson@usp.br

RESUMO

Este artigo aborda aspectos conceituais e físicos relacionados à concepção arquitetônica da Lisboa Expo98, observando sua relevância em seus espaços públicos e edifícios. Investiga a escolha da zona oriental de Lisboa e sua regeneração urbana. Os diálogos arquitetônicos permanentes no local são relatados na gênese da Expo98 e nos Planos de Pormenor PP1 e PP2. Discute as relações entre os espaços públicos e seus edifícios, e como os projetos da Expo98 contribuíram na paisagem urbana. Estrutura-se na pauta da literatura pré-existente, nas relações arquitetônicas com o lugar, articulando contexto, função, tecnologia e forma. Neste contexto, o artigo analisa o eixo perpendicular Alameda dos Oceanos / Rossio dos Olivais, revelando suas decorrências. Busca afirmar que a realização da Expo98 fortaleceu a cultura, a infraestrutura, os serviços e o lazer da região, conectando-a ao restante da cidade, atestando que o exemplo desta exposição contribuiu com parte do espaço urbano de Lisboa.

Palavras-chave: Expo98; Exposições Universais; Parque das Nações; Pavilhões.

Linha de Investigação: 1: Cidade e projeto.

Tópico: Projeto urbano e espaço público

ABSTRACT

This article addresses conceptual and physical aspects related to the architectural design of Lisboa Expo98, noting its relevance in its public spaces and buildings. It investigates the choice of the eastern part of Lisbon and its urban regeneration. The permanent architectural dialogues on the site are reported in the genesis of Expo98 and in the Detailed Plans PP1 and PP2. It discusses the relationship between public spaces and their buildings, and how Expo98 projects contributed to the urban landscape. It is structured on the agenda of pre-existing literature, in architectural relations with the place, articulating context, function, technology and form. In this context, the article analyzes the Alameda dos Oceanos / Rossio dos Olivais perpendicular axis, revealing its consequences. It seeks to affirm that the realization of Expo98 strengthened the region's culture,

infrastructure, services and leisure, connecting it to the rest of the city, attesting that the example of this exhibition contributed with part of Lisbon's urban space.

Keywords: Expo98; Universal Exhibitions; Parque das Nações; Pavilions.

Research line: 1: City and project.

Topic: Urban design and public environment.

Introdução

Os aspectos da Expo98 foram tratados desde a sua idealização, das intenções do plano urbanístico, até a candidatura de Lisboa para a exposição mundial, atendendo uma gestão estratégica precisa em projeto e planejamento, visando a realização do evento, a melhoria da posição de Portugal no mapa econômico e cultural do planeta, e a regeneração da zona oriental da cidade, local escolhido para o evento.

A partir de 1989, com a idealização do plano urbano da área de intervenção, até a realização da Expo98, a ideia foi repensar e reforçar Lisboa como cidade ribeirinha, refazendo, ali, a integração do rio com seus habitantes. A área foi distribuída em Planos de Pormenor, denominados "PPs". A responsabilidade de cada plano destinou-se a diferentes equipes de arquitetos. O Plano de Pormenor PP2 (Expo98), coube à equipe do arquiteto Manuel Salgado.

Evidencia-se a importância urbanística e arquitetônica de várias obras construídas no local, notando-se os edifícios em destaque no plano da Expo98 (*âncoras*) e seus espaços públicos conectados. Considera-se estes espaços públicos não como o negativo do que está edificado, mas como algo que tem consistência em si próprio. Nas simbologias do evento, verifica-se suas articulações e analogias, presentes na arquitetura dos edifícios efêmeros e permanentes do local.

Objetivo

Debater, tanto do ponto de vista conceitual, quanto a respeito das questões físicas referentes à elaboração arquitetônica na realização da Lisboa Expo98, de modo a evidenciar as distinções em seus espaços públicos e em suas edificações. Busca, portanto, esclarecer a escolha da zona oriental da cidade para assentar o evento, considerando a regeneração urbana que Lisboa pretendia, e apresentando os fatores permanentes da exposição como importante local e bem cultural.

Metodologia

A metodologia adotada pauta-se tanto em dados empíricos, quanto em observações *in loco*, examinando a literatura pré-existente, particularmente as visões avalizadas por autores os quais apresentaram questões que assinalam os conceitos de contexto, função, tecnologia e forma no projeto arquitetônico, refletindo nos aspectos materiais, históricos, formais e simbólicos das edificações, relacionando-os, principalmente, com o lugar e com seu entorno.

1. Os Propósitos da Expo98

1.1. Cidade global

A localização geográfica de Lisboa marcou profundamente sua história e seu traçado no tecido urbano lisboeta. Neste contexto, a cidade firmou-se em tripla dimensão: Capital de Portugal, cidade europeia e cidade atlântica. Sua fundação data do século XII A.C. Incorporou-se ao Reino de Portugal em 1147, e tornou-se capital em 1256. No século XVI, tornou-se capital da principal potência marítima da Europa, transformando-se num dos importantes centros econômicos, tecnológicos e científicos do continente. Até o século XVIII, sua essência estava ligada ao mar e ao Rio Tejo. Atualmente, é favorecida por sua posição no mapa europeu, caracterizando-se como dinâmica cidade cosmopolita.

O terremoto de 1755, acrescido do maremoto em sequência, abalou a importância da zona oriental de Lisboa, porque foi uma das áreas mais afetadas. Contudo, com a industrialização nos séculos XIX e XX, e com novas infraestruturas, a zona oriental voltou a ganhar interesse, e várias áreas próximas ao rio recebiam habitantes do país todo, para trabalhar em suas indústrias.

1.2. Decadência da zona oriental

Nos anos 1940, houve uma tentativa de estruturar esta área, com um plano urbanístico. Todavia, acentuou-se mais ainda o afastamento entre a zona oriental e a zona ocidental, deixando as indústrias e os serviços sujos, no oriente, e, a cidade lúdica e residencial, no ocidente. A derrocada industrial foi inevitável, enfatizando-se nas décadas de 1960 e 1970. Assim, estes fatores provocaram a divisão, o abandono e a deterioração gradual da zona oriental.

A iniciativa da Expo98 nasceu depois da quase completa destruição do patrimônio industrial da zona oriental da cidade. Foi necessário recomeçar tudo do zero. O advento da Expo98 encorajou novo emblema na vida dos cidadãos de Lisboa, vislumbrando novas possibilidades qualitativas para a cidade.

1.3. Intenções da candidatura

Lisboa firmou sua candidatura à exposição mundial de 1998, com o pretexto da celebração dos 500 anos das navegações portuguesas, e o projeto arquitetônico e urbanístico da Expo98 acentuou a intenção de colocar Portugal no cenário internacional. Segundo Antônio Fonseca Ferreira (2007), a realização de grandes eventos constitui uma oportunidade para desencadear profundas transformações nas cidades, e, no planejamento estratégico da Expo98, nota-se este conceito de "*oportunidades mobilizadoras*".

As intenções da Expo98 caminharam por três vertentes: Projeção internacional de Lisboa durante o evento; requalificação da zona oriental da cidade; e contribuição para a modernização da base econômica da cidade. Conforme é relatado por Antônio Mega Ferreira (1998), a ideia de organizar em Lisboa uma exposição internacional nasceu no início de 1989, partindo dele próprio e de Vasco Graça de Moura. Eles imaginaram que aquele acontecimento viria a revelar-se decisivo, e, em terras lusitanas, o seu impacto deixaria seu legado.

A concepção da Lisboa Expo98 foi apresentada ao governo em julho de 1989, e o pedido formal de sua candidatura foi entregue, no mesmo ano, ao BIE (Bureau International des Expositors), órgão regulador das exposições mundiais. O evento de Lisboa possuiria uma marca diferente dos eventos anteriores, focando-se no seu tema central: "**Os Oceanos: Um Patrimônio para o Futuro**". O Plano Estratégico de Lisboa (PEL) ficou concluído, em 1992, com a área da Expo98 incluída, e em junho de 1992, Lisboa sagrou-se vencedora da candidatura para ser a sede da Expo98.

1.4. Escolha do local

A candidatura de Lisboa foi uma espécie de opção periférica e aquática, pois sua localização deveria estar distante do centro histórico da cidade e junto ao Rio Tejo, porém, dentro do tecido urbano da cidade. (Scherer, 2002: 193)

O Governo colocou três hipóteses de locais: a Doca de Belém e Pedrouços; a zona oriental (Figura 1), em torno da Doca dos Olivais; e a margem sul do Tejo, fora da rede metropolitana da cidade. A solução apontada como a mais favorável foi eleger a zona oriental da cidade como escolhida, pois era uma região mais capacitada para contribuir na transformação de Lisboa, com vistas ao século XXI, já que era um espaço urbano desqualificado, e que necessitava de transformações. O evento não seria apenas algo pontual, mas traria sua marca na evolução urbana de Lisboa. (Teles, 2014: 27)

Lisboa sediou a Exposição Internacional de 1998 em um momento em que este tipo de evento estava sendo bastante questionado. Portugal lançou mão da Expo98 para comemorar sua história, reafirmar sua posição junto à comunidade europeia, e o plano urbanístico aproveitou a efemeridade para promover grandes mudanças, ao planejar novas funções para os prédios edificadas, assim como todo um novo bairro residencial e de trabalho ao seu redor, promovendo realmente o reencontro do cidadão com seu rio. (Scherer, 2002: 31)

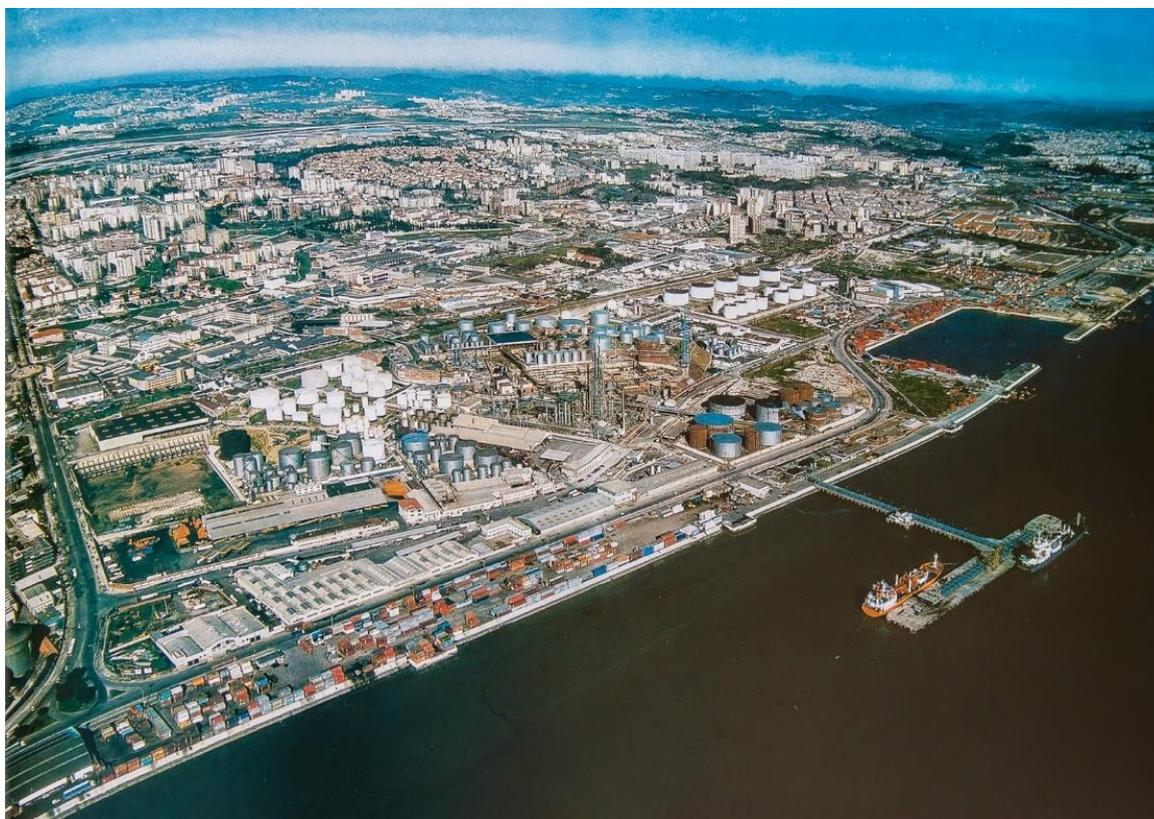


Figura 1: Vista aérea da degradada zona oriental de Lisboa, antes da construção da Expo98. Disponível em: < https://twitter.com/lisboa_antiga/status/962419905403514880 > Acesso em: 31 out. 2019.

1.5. Gestão estratégica

O futuro da zona da Expo98 dependia de possuir um projeto urbano consistente, e ali foram ancorados alguns equipamentos que podiam dinamizar a nova centralidade de Lisboa: A Feira Internacional de Lisboa (FIL) sediando a Área Internacional Norte do evento; o Palácio dos Desportos, que foi nomeado como Pavilhão da Utopia (atual Altice Arena) durante o evento. E, somando-se a eles: O Oceanário de Lisboa, o Teatro Luís de Camões, o Centro Comercial Vasco da Gama (denominado Porta do Sol), e a Estação do Oriente.

A Estação Intermodal do Oriente, projeto do arquiteto Santiago Calatrava, foi motivo de questionamentos, na época do planejamento da Expo98. A construção da linha e da estação tinha muitos opositores, por razões econômicas, que argumentavam que demoraria muito para ter retorno daquele investimento. Todavia, convém notar que para a obtenção de êxito urbanístico e econômico advindo do Parque das Nações, foi imprescindível sua construção.

Antônio Fonseca Ferreira (2007) considera o projeto Expo98 / Parque das Nações, como um exemplo ilustrativo de como as preocupações foram bem compatibilizadas. Certamente que nem tudo foi exemplar. Os estacionamentos insuficientes, a reduzida largura das principais ruas e a segregação visual entre o Parque das Nações e o Moscavide, com barreiras de construções massificadas e altas, são alguns exemplos, bem como a estrutura de usos, pois acabaram prevalecendo as habitações e os serviços. Também falhou a ênfase na ciência (Pavilhão Conhecimento dos Mares e Pavilhão de Portugal) com usos ainda incertos e de pouca estratégia, todavia sendo revistos constantemente, sobretudo por suas posições privilegiadas no bairro.

Em sua visão, Antônio Fonseca Ferreira (2007) assevera que, na execução, o evento não teve a mesma qualidade que marcou o seu processo de concepção e planejamento, percebendo uma densidade excessiva, adicionada à uma arquitetura regular e sem harmonia, que tende a banalizar um projeto que, em sua gênese, se caracterizou pela qualidade conceitual dos seus espaços públicos e de alguns edifícios singulares, como a **Estação do Oriente, o Oceanário, e o Pavilhão de Portugal**.

2. Resultados - Planos e projetos na zona de intervenção

Em decorrência das intenções da candidatura, da escolha do local, assim como da gestão estratégica da Expo98, tomou-se o cuidado para que todos os locais do recinto tivessem sua relevância em equilíbrio, e os resultados decorrentes destas preocupações são observados em cada edifício destacado, principalmente nos Planos de Pormenor PP1 e PP2, bem como nas simbologias e articulações destes com os espaços públicos concebidos.

2.1. Simbologias e articulações

Os oceanos foram lembrados, o tempo todo, como tema da Expo98: No plano urbanístico, nos edifícios, nas ruas, alamedas, praças, jardins e parques. A analogia proposta era fazer a reconexão da Lisboa das navegações com a Lisboa atual.

Também é relevante abordar pareceres negativos, nos quais argumenta-se que as obras executadas não têm uma relação mais íntima com o espaço público. O arquiteto Luís Vassalo Rosa (1998, p. 32), afirma que, na paisagem urbana, a arquitetura das edificações dialoga, geralmente, de forma casual e banal, e somente

alguns edifícios da Expo98 constituem singularidades de concepção estética. Ele ainda relata que é o local que reflete os fundamentos do espaço urbano, e são as obras arquitetônicas de exceção e o seu enquadramento urbano que marcam o espaço público de maneira única.

Na visão de Luís Salgueiro (2011), nota-se a intenção de oferecer a mesma importância a todos os locais do recinto, e não somente a um local principal. Mesmo assim, a Alameda dos Oceanos e o Rossio dos Olivais parecem ser a centralidade do recinto, visto o cruzamento entre estas duas vertentes, formando o eixo que confere sentido ao projeto. No Parque das Nações, há referências que remetem para um território onde a criatividade, a cultura, a inovação e a tecnologia são valores que são sempre estimulados, a despeito das condições diferentes em que este processo foi desenvolvido.

2.2. Plano geral

Luís Salgueiro (2011) observa que os idealizadores e executores deste plano esforçaram-se em fortalecer um plano que transitasse rapidamente do evento efêmero para o bairro permanente, centralizando seus esforços, no primeiro momento, na concepção do recinto da Expo98 (PP2) e da zona central (PP1), e, depois, nos outros projetos ao sul e ao norte do bairro. Assim, observa-se que o modelo de intervenção deste projeto urbano de implantação baseia-se em estratégias de reestruturação dos quarteirões centrais e perimetrais, perfazendo um modelo de desenvolvimento apoiado, não sendo mesmo necessário a existência de uma praça central no recinto da Expo98.

Os “*edifícios-âncoras*” do recinto revelam-se amparados estrategicamente, por sua dimensão, por sua arquitetura inovadora, e por sua disposição, em variados pontos de referência, orientando o olhar do visitante e organizando o espaço. Os mais destacados são: a Estação Intermodal do Oriente; o Oceanário de Lisboa; o Pavilhão de Portugal; o Pavilhão Atlântico (atual Altice Arena); o Pavilhão Conhecimento dos Mares; a FIL (Feira Internacional de Lisboa); o Teatro Camões; e a Torre Vasco da Gama.

Luís Salgueiro (2011) ressalta duas hipóteses, que poderiam ter sido implantadas na concepção do Plano Urbanístico da Zona de Intervenção (PUZI): O fato de que os outros edifícios da Expo98, além dos *edifícios-âncoras*, poderiam ter sido concebidos de forma mais arrojada; e a questão da aproximação do cidadão com o rio, que, segundo alguns autores, poderia ter sido feita, abrindo canais por dentro do bairro, construindo alguns traçados fluviais representativos. Todavia, o tempo reduzido na preparação do evento, serve de contraponto a estes dois pontos pressupostos.

Tanto durante a Expo98 quanto na implantação do Parque das Nações, a zona oriental de Lisboa herdou uma dimensão cultural e histórica altamente representativa na interligação com a cidade de Lisboa, na regeneração da área e na valorização das obras de arquitetura emblemáticas deixadas ali.

2.3. Planos de Pormenor

Em 1994 surgiu o PUZI, coordenado pelo arquiteto Luís Vassalo Rosa. Definiram-se os Planos de Pormenor (PPs), divididos em seis zonas diferentes. Foram criadas, ainda, duas grandes áreas: A Área Internacional Norte e a Área Internacional Sul, com caráter efêmero flexível, que poderia adaptar-se ao número de países inscritos. (Teles, 2014: 34)

Os dois eixos que marcaram a Expo98 foram concebidos como elementos determinantes de todo o plano: A Alameda dos Oceanos, em linha horizontal, que parte da Porta do Mar (Torre da Refinaria) ao sul, e encerra na Porta do Norte; e o Rossio dos Olivais, em linha vertical, perpendicular à alameda dos Oceanos, que inicia na Estação do Oriente, e desemboca no rio. Conforme observa Luís Vassalo Rosa (1998), a elaboração da

estrutura urbana do PUZI é delineada segundo uma malha ortogonal, definindo espaço público e desenho urbano.

As extensões dos seis Planos de Pormenor foram definidas conforme a seguir: PP1, zona central (Tomás Taveira); PP2, zona da Expo98 (Manuel Salgado); PP3, zona sul (Troufa Real); PP4, zona norte (Cabral de Melo e Maria de Almeida); PP5, zona de Sacavém (Maria Cruz e Ricardo Parrinha); PP6, zona do Parque do Tejo (George Hargreaves e João Nunes).

Segundo Vera Teles (2014), os objetivos do PUZI fundamentaram-se em três bases: valorizar a frente ribeirinha do Rio Tejo; projetar um polo urbano possibilitando qualidade de vida urbana e ambiental; e tirar o maior proveito comercial e promocional que viesse da Expo98. Neste aspecto, os Planos de Pormenor PP1 e PP2 são destacados, na sequência.

2.3.1. Plano de Pormenor PP1

O PP1 caracteriza-se por um conjunto de plataformas panorâmicas com vistas ao mar. A via principal, Avenida Dom João II, fica ao largo da Estação do Oriente. Desta, a seguir, vem a acessar a Alameda dos Oceanos, cerne da Expo98. A demarcação desta estrutura urbana busca enfatizar uma certa flexibilidade nas formas e nos usos.

Conforme observa Luís Vassalo Rosa (1998), o elemento fundamental do PP1 é a plataforma da Estação Intermodal do Oriente, sendo o elemento estrutural da forma e da dinâmica urbana deste plano, participando na modelagem desta estação, em sua forma e função. Neste percurso, existem sucessivas praças que se articulam entre si, continuamente, vencendo as barreiras (ruas). A estação é rodeada por edifícios em torre, buscando a vista panorâmica do bairro e do rio, e o percurso que parte da estação, percorrendo todo o Rossio dos Olivais, é o zênite da cena urbana nesta paisagem. Destaca-se a estrutura múltipla de quarteirões, e utiliza-se o conceito dos complexos multiuso, que surgem nas novas centralidades criadas nas cidades, apoiados nestas centrais de transportes e equipamentos de lazer, compreendendo espaços de comércio e habitação. O PP1 apresenta, ainda, uma verticalização ao longo da Avenida Dom João II, seguindo-se a uma linha de edifícios de 12 a 15 andares que fizeram e fazem parte da panorâmica local.

2.3.2. Plano de pormenor PP2

Na visão de Scherer (2002), a elaboração da Expo98 e do Parque das Nações (Figuras 2 e 3) se apresenta, desde seu início, como um projeto global e estratégico para Portugal e para a cidade de Lisboa, possibilitando a criação de uma estrutura organizacional com capacidade de atender todos os aspectos envolvidos na execução do evento. Foi a dupla perspectiva do diálogo entre a realização da exposição com a regeneração urbana, que resultou no Parque das Nações. Ou seja: a candidatura de Lisboa para sediar a exposição foi uma opção periférica e aquática, pois sua localização deveria estar distante do centro histórico da cidade e junto ao Rio Tejo.



*Figura 2: Vista aérea do Parque das Nações com o recinto da Expo98 ao centro. Disponível em: <
<https://teixeiraduarconstrucao.com/wp-content/uploads/2019/03/infras-expo-05.jpg> > Acesso em: 20 fev.2020.*



Figura 3: Planta geral da Expo98. (fonte: VILLALOBOS; MOREIRA, 1998, p.68)

Scherer (2002) relata que o projeto urbanístico foi encomendado à equipe do arquiteto Manuel Salgado, que decidiu fazer a implantação do recinto dentro da cidade, em contraponto com outras exposições similares, que se fizeram fora do tecido urbano. A despeito da Expo98 ser uma exposição que busca priorizar as infraestruturas de transportes de grandes distâncias e capacitações, também demonstra ser um tipo de exposição bem singular, pois, mesmo estando dentro da região urbana de Lisboa, parece um elemento separado do restante, com barreiras em seu entorno, como a linha férrea, por exemplo. Mesmo que o traçado das linhas do projeto urbanístico esteja interceptando-a, o bairro atua praticamente independente. Assim, o projeto articula-se com a malha urbana da cidade, no qual o efêmero busca dialogar com o permanente do evento.

Na narrativa de Michel Toussaint (1998), Manuel Salgado e sua equipe começaram a traçar e definir os objetivos do projeto e estabeleceram quatro tipos de elementos estruturantes, que chamaram de “*Conceito Urbanístico*”: As memórias do lugar que marcam o semblante horizontal e vertical do recinto; os dois eixos ortogonais ordenadores; os dois caminhos que expressam o discurso do tema, a água e a costa marítima; e o desenho dos espaços públicos.

Primeiro elemento: No emblema horizontal e vertical do projeto, o arquiteto procurou orientar-se, em sua horizontalidade, com a praça aquática central; e, em sua verticalidade, pela Torre da Refinaria, ao sul; valorizando, portanto, dois elementos marcantes do local, preservando-os enquanto memórias do lugar.

Segundo elemento: Como eixos ortogonais ordenadores, tem-se o eixo horizontal na Alameda dos Oceanos, atravessando o recinto de ponta a ponta; e o eixo vertical do Rossio dos Olivais, observando-se que a nascente deste parte da Estação do Oriente, segue perpendicular à Alameda dos Oceanos, cruza a Porta do Sol (atual Centro Vasco da Gama), passa ao largo da Doca dos Olivais, e alcança o Rio Tejo. Neste particular, ao observar o Pavilhão de Portugal, verifica-se que este foi implantado no recinto justamente na esquina onde os dois eixos se cruzam, caracterizando a importância desta obra no contexto da Expo98. (Toussaint. 1998: 56)

Terceiro elemento: Dois aspectos dialogam: a água, na Alameda dos Oceanos, com suas fontes, lagos, e os vulcões de água; e a costa marítima, às margens do rio, que é perfilado com jardins em sua orla, como os Jardins da Água e os Jardins Garcia da Orta.

Quarto elemento: Os espaços públicos relacionam-se com uma malha ortogonal básica estabelecida, em três dimensões.

Michel Toussaint (1998) comenta que a dominância horizontal foi o assunto na área da Expo98, que derivou de um certo limite máximo de altura de seus edifícios. Todavia, duas torres, mais altas, marcaram a verticalidade durante o evento: A Torre Vasco da Gama (atual Hotel Myriad), no extremo norte da área da Expo98; e a Torre Petrolífera, que foi recuperada e serve como memória da antiga existência industrial no local, e que se relaciona com o cais da Marina, com os jardins, e com o Oceanário. Posteriormente, o edifício São Gabriel, de 2000, e o edifício São Rafael, de 2004, localizados ladeando o Centro Comercial Vasco da Gama, também ganharam a sua notoriedade vertical. Ele ainda afirma que, apesar do recinto não conter nenhuma praça, é a Doca dos Olivais que oferece a função de elemento urbano de decompressão do espaço. Na margem oposta da doca, localiza-se o edifício do Oceanário, lembrando um barco ancorado em calmas águas, como os hidroaviões de sessenta anos antes.

Além da Torre da Refinaria, e da Torre Vasco da Gama já citados, o Teleférico, que liga os Jardins da Água com o extremo norte dos Jardins Garcia da Orta, é um dos pontos de observação vertical da Expo98,

havendo, ainda, outro mirante na região, o Parque Cabeça das Rolas, situado no PP3, que contém as cotas mais elevadas do bairro.

Scherer (2002) nota que, quando são observados estes aspectos urbanos dos edifícios da zona da Expo98, nota-se que o recinto foi concebido para ter a circulação de pedestres em evidência, sendo que o seu plano tem base na ideia de uma estrutura urbana que deveria possuir facilidade de memorização pelos utentes e visitantes do local, integrando obras e espaços públicos, harmoniosamente. O projeto da Expo98 mostra-se apropriadamente convencional, cumprindo com sua função de organizar as edificações que nele são inseridas, sem tornar-se monótono, e sua arquitetura tem relevância mais pela qualidade média de todos os projetos, do que por algum em especial, assegurando, em sua essência, um resultado global.

2.4. Espaços Públicos

Na visão de Pedro Cansado (2014), as cidades buscam, na atualidade, afirmar sua identidade criando uma rede urbana diferenciada, possuindo aspectos que dependem da relação que o cidadão faz com o ecossistema e como ocupa este espaço. Na configuração da paisagem, os locais mais memoráveis passam a ser aqueles que traduzem esta ligação entre o ser humano e o espaço, gerando uma espécie de identidade representativa. Os espaços públicos urbanos classificam-se como elementos qualificadores da cidade, seja em termos materiais (urbanísticos, ocupação física), seja em termos imateriais (históricos, culturais, sociais), que destacam a vivência urbana. Ele ainda relata que, no final do século XX, assiste-se um retorno marcante dos espaços públicos como elementos centrais dos projetos urbanos, visto que os espaços públicos mais tradicionais não se interligam com o estilo de vida urbano mais recente, e os novos espaços públicos já confirmam, de modo diferenciado e dinâmico, os multiusos. Não obstante, é necessário que os espaços tradicionais se adaptem e se modernizem, evitando o vazio completo. Portanto, verifica-se que um território é capaz de absorver diversos usos e funções, ser mesmo um espaço diferenciado e de continuidade, desde tenha um plano.

A Expo98 foi gerada para ser uma exposição onde a arquitetura deveria exercer importante relevância, e abranger um diálogo entre as arquiteturas mais do que uma ideia homogênea que revelasse este percurso. No Plano de Pormenor PP2, do arquiteto Manuel Salgado, a criação é composta por uma visão detalhada, austera e brilhante, na qual nasceu uma concepção urbana com leitura simples, conforme a narrativa de Antônio Mega Ferreira (1999):

“Uma exposição é um recinto, um território, ao mesmo tempo, mais e menos que uma cidade. Faz coexistir diversas expressões, desde a exuberância tecnológica do Oceanário de Peter Chermayeff, até a majestosa serenidade do Pavilhão de Portugal de Álvaro Siza. O desafio, aqui, foi organizar os vários edifícios no espaço da área proposta e escolhida, e fazê-los respeitar um traçado essencial do plano urbano, garantindo a funcionalidade do recinto, sem protagonismos desmesurados”.
(Ferreira, 1999: 6)

O arquiteto compreendeu que o tema do evento, águas e oceanos, deveria representar a linguagem e a dialética dos edifícios, dos equipamentos e do plano urbano. E, embora a Expo98 tenha sido uma obra de criação coletiva, Manuel Salgado é o real codificador dos espaços públicos do evento. (Ferreira, 1999: 7)

Em seu livro “*Espaços Públicos*”, Manuel Salgado (1999) explicita conceitos acerca de espaços públicos e faz a leitura das questões que encontrou na concepção destes projetos, ao longo da criação e execução do PP2 para a Expo98.

Definição:

“Espaço Público não é o negativo do que está edificado. É algo que tem consistência em si próprio, com estrutura definida por ruas, jardins, praças...é um todo que se define junto com os edifícios, e com seus elementos pertencentes: as árvores, o chão, a iluminação pública, o mobiliário urbano”. (Salgado, 1999: 9)

Conceito:

“A massa dos edifícios e a relação entre eles é que vai definir o espaço aberto. Não é definir edifícios primeiro e depois o espaço. É definir uma estrutura de espaço público e dar condições para a localização dos edifícios, privilegiando o usuário”. (Salgado, 1999: 10)

Idealização:

“A ideia era tornar a estrutura de espaço público da Expo98 com leitura fácil, percebida de imediato. A malha residencial era relativamente clara, ortogonal. Todavia, para um ambiente de exposição, precisávamos de uma estrutura bem orgânica, um tanto desorganizada, para criar situações diferentes. A primeira ideia foi tornar legível a estrutura da Expo98. O design das formas dos edifícios fez o contraste com a malha ortogonal das ruas, e não se confinaram nelas”. (Salgado, 1999: 10).

A intenção de Manuel Salgado (1999), e de todos os idealizadores e executores da Expo'98, era empreender uma exposição diferenciada das anteriores, além da própria relação com o rio. No projeto, foi desenhada uma linha reta, uma vertente de estrutura clara. Criou-se dois eixos ortogonais, um paralelo e outro perpendicular ao rio, com quatro portas de entrada. Com esta definição elementar, surgiu a formatação da exposição, adicionando-se outros elementos. De modo simples e coerente, todas as estruturas modulares projetadas funcionaram segundo uma malha métrica criada de 7,00 x 7,00 x 7,00m. A Alameda dos Oceanos, por exemplo, foi concebida para ser uma via de transporte público e de pedestres, privilegiando o usuário. Na Expo98 não havia circulação de carros, mas, para o pós-evento, o recinto foi projetado para circulação posterior, porém controlada.

“Tudo é pensado e há um critério que se segue. Tudo tem um propósito. Não existe espaço para o arbitrário. Há uma linha de altura constante ao longo da Alameda dos Oceanos, por exemplo”. (Salgado, 1999: 19)

É interessante, também, observar situações das quais o arquiteto Manuel Salgado participou, e a leitura que ele fez a respeito de diversos aspectos enfrentados, na concepção e execução do projeto urbanístico e dos espaços públicos da Expo98, notando a visão que já possuía naquele momento em relação aos dias de hoje, aferindo-se a seguir:

“Depois do desenvolvimento da Alameda dos Oceanos, precisamos verificar se o movimento comercial acompanhou este desenvolvimento. Se a construção de novos edifícios, ou a mudança de uso de alguns contribuiu ou não para melhora do bairro, e dos seus circulantes e habitantes”. (Salgado, 1999: 32)

“Eu sempre espero que a cultura do espaço público seja preservada. A Expo98 foi entregue como um espaço especial, limpo e arrumado. As pessoas cuidavam dele. Hoje, não sei. O Parque das Nações deu um novo nível de exigência aos estudos e projetos de reabilitação, tanto para Portugal, como para outros lugares ou outras exposições. As pessoas gostam de ter espaços seus, com segurança e tranquilidade. A maior parte de nossas avenidas nas grandes cidades são repletas de confusão, na paisagem inclusive, em um conflito permanente entre carros e pessoas”. (Salgado, 1999: 34)

“Um arquiteto é simultaneamente um construtor e um observador. É a ação de construir e articular, de maneira diferente, aquilo que foi observado. Não é bem buscar ideias originais. É reinterpretar soluções que são tradicionais e convencionais”. (Salgado, 1999: 34)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os estudos apresentados neste artigo, o conjunto arquitetônico da Expo98 tornou-se uma produção notável e motivadora, verificando-se que o arranjo no seu todo emanou fatores culturais, acréscimos na infraestrutura, potencializando o lucro junto ao setor terciário, e fazendo crescer o lazer desta parte da zona oriental de Lisboa.

A arquitetura inovou e renovou este setor da cidade, conectando-o ao restante de Lisboa, e influenciando as estratégias de requalificação urbana no panorama português. Mesmo com as ressalvas pontuadas ao longo desta narrativa, pode-se atestar que o Parque das Nações, assim denominado após o evento, contribuiu como exemplar de requalificação bem-sucedida de parte do espaço urbano de Lisboa.

4. BIBLIOGRAFIA

BINNEY, Marcus. Architecture of the Rail: The Way Ahead. Academy Editions, U.S.A, 1995.

CANSADO, Pedro Miguel Marques. **Projeto urbano para Santa Apolónia - Xabregas.** (Dissertação de Mestrado) - Arquitetura, Instituto Técnico de Lisboa, Lisboa, 2014.

CARDOSO, Rui (Org.). **Guia da Exposição Mundial de Lisboa EXPO 98.** Lisboa: Parque Expo 98 S.a., 1998.

FERREIRA, Antônio Fonseca. **Gestão Estratégica de Cidades e Regiões.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

FERREIRA, Antônio Mega. Da arte de bem ordenar. In SALGADO, Manuel. **Espaços Públicos.** Lisboa: Blau, 1999.

GARCIA, Pedro Ressano. Os Espaços públicos na reconversão da zona da Expo'98. Revista Lusófona de Arquitectura e Educação, Lisboa, 2011.

LOURENÇO, Eduardo. Nós como futuro. Cadernos do Pavilhão de Portugal. Expo98, 1997

MACHADO, Aquilino de Oliveira; RIBEIRO, Isabel Margarida André. Os espaços públicos da Exposição do Mundo Português e da Expo'98. Universidade de Lisboa: Lisboa, 2006.

MATOS, José Sarmento de; SACHETTI, Antonio. Lisbon, a Journey East Wood. Parque Expo98: Lisbon, 1998.

MELLO, D. C. Expo98 - Cidade ou ilha? In Jornal dos Arquitectos, n. 205. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2002.

PINHEIRO, Magda; PEREIRA, Mario. Biography of Lisbon. University of Massachusetts Press, United States, 2019.

ROSA, Luís Vassalo. A Urbanização da zona de intervenção. In VILLALOBOS, Bárbara; MOREIRA, Luís (Org.). **EXPO'98: Exposição Mundial de Lisboa - Arquitetura.** Lisboa: Blau, 1998.

SALGADO, Manuel. **Espaços Públicos.** Lisboa: Blau, 1999.

SALGUEIRO, Luís Filipe Oliveira Marques. **Cidade e Utopia: reconstrução da zona oriental de Lisboa - O projeto do Parque das Nações.** (Dissertação de Mestrado) - Curso de Ciências da Cultura, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

SCHERER, Fabiano de Vargas. **Expondo os Planos: As Exposições Universais do Século XX e seus Planos Urbanísticos.** (Dissertação de Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

TELES, Vera Queiroga Nogueira Galvão. **Expo'98: Lisboa cidade e requalificação.** (Dissertação de Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa, 2014.

TOUSSAINT, Michel. O Recinto da Expo'98. In VILLALOBOS, Bárbara; MOREIRA, Luís (Org.). **EXPO'98: Exposição Mundial de Lisboa - Arquitetura.** Lisboa: Blau, 1998.

VILLALOBOS, Bárbara; MOREIRA, Luís (Org.). **EXPO'98: Exposição Mundial de Lisboa - Arquitetura.** Lisboa: Blau, 1998.

VILLALOBOS, Bárbara; CASTRO, Alexandra (Org.). **Projects Lisbon Expo 98.** Lisboa: Blau, 1996.

Meios digitais

Estudo: Expo98 em Lisboa influenciou obras urbanísticas dos últimos 20 anos em Portugal disponível em <
<https://portugaldigital.com.br/estudo-expo98-em-lisboa-influenciou-obras-urbanisticas-dos-ultimos-20-anos-em-portugal/> Acesso: 24 de jul. 2020

FERREIRA, Claudino. **A Exposição Mundial de Lisboa de 1998: contexto de produção de um mega evento cultural.** Disponível em:
<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10894/1/A%20Exposicao%20Mundial%20de%20Lisboa%20de%201998.pdf> Acesso: 24 jul 2020